



Canal Auxílio EBD

Revista Lições Bíblicas CPAD 3º Trimestre de 2024 – Classe dos Adultos

Título: O Deus que governa o Mundo e cuida da Família – Os ensinamentos divinos nos livros de Rute e Ester para a nossa geração

Comentarista da Lição: Silas Queiroz

Autor dos Comentários (em azul): Ev Luiz Oliveira

Revisão dos comentários e sugestões de melhorias:

Tiago Damasceno e Antônio Terêncio

Data da aula: 11 de agosto de 2024

NOTAS DE AULA

LIÇÃO 6

O LIVRO DE ESTER

TEXTO ÁUREO

“Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe para tal tempo como este chegaste a este reino?” (Et 4.14)

VERDADE PRÁTICA

A perfeita vontade de Deus é nos guiar por caminhos que levem ao cumprimento de seus eternos propósitos.



[Canal Auxílio EBD](#)

Comentário por: Ev Luiz Oliveira

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Ester 1.1-9

- 1** – E sucedeu, nos dias de Assuero (este é aquele Assuero que reinou, desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias);
- 2** – naqueles dias, assentando-se o rei Assuero sobre o trono do seu reino, que está na fortaleza de Susã,
- 3** – no terceiro ano de seu reinado, fez um convite a todos os seus príncipes e seus servos (o poder da Pérsia e Média e os maiores senhores das províncias estavam perante ele),
- 4** – para mostrar as riquezas da glória do seu reino e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, a saber, cento e oitenta dias.
- 5** – E, acabados aqueles dias, fez o rei um convite a todo o povo que se achou na fortaleza de Susã, desde o maior até o menor, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real.
- 6** – As tapeçarias eram de pano branco, verde e azul celeste, pendentes de cordões de linho fino e púrpura, e argolas de prata, e colunas de mármore; os leitos eram de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, e de mármore, e de alabastro, e de pedras preciosas.
- 7** – E dava-se de beber em vasos de ouro, e os vasos eram diferentes uns dos outros; e havia muito vinho real, segundo o estado do rei.
- 8** – E o beber era, por lei, feito sem que ninguém forçasse a outro; porque assim o tinha ordenado o rei expressamente a todos os grandes da sua casa que fizessem conforme a vontade de cada um.
- 9** – Também a rainha Vasti fez um banquete para as mulheres da casa real do rei Assuero.

PLANO DE AULA

1. INTRODUÇÃO

A partir desta lição, estudaremos o Livro de Ester. Veremos como o livro está organizado, a categoria a que pertence, características literárias, autoria e data. Procuraremos também situar o contexto histórico em que o livro foi produzido. Veremos



[Canal Auxílio EBD](#)

Comentário por: Ev Luiz Oliveira

que o exílio de Israel é uma informação essencial para remontar o contexto histórico do Livro de Ester. Finalmente, perceberemos que a providência divina apresentada no livro é um assunto que formula o propósito de Ester. Trata-se de uma providência divina não mencionada, porém, constatada ao longo do livro sagrado.

2. APRESENTAÇÃO DA LIÇÃO

A) Objetivos da Lição: I) Apresentar a organização do Livro de Ester; II) Explorar o contexto histórico do Livro de Ester; III) Expor o propósito e a mensagem do Livro de Ester.

B) Motivação: Deus sempre esteve no controle da história. O Livro de Ester apresenta o fato de que, a despeito de experimentarmos períodos de ameaças e sofrimento, ele provê o livramento na história. A dor e o sofrimento, por mais difícil de explicar que seja, não anulam a ação da providência divina.

C) Sugestão de Método: A partir desta lição, estudaremos o Livro de Ester. Nesse sentido, sugerimos que, ao introduzi-la, você apresente o esboço do livro: I) Deus levanta uma nova rainha na hora certa (1.1 – 2.18); II) Deus usa o primo da rainha para denunciar uma trama (2.19 – 4.17); III) Deus usa a corajosa rainha para resgatar o seu povo (5.1 – 9.32); IV) Deus promove Mardoqueu por sua fidelidade (10.1-3). Para ter acesso ao esboço mais detalhado, você pode consultar a *Bíblia de Estudo Pentecostal*, Edição Global, na página 832. Esse esboço dará a classe a oportunidade de ver o panorama de todo o Livro de Ester, o que pedagogicamente indispensável para o processo de ensino-aprendizagem de um livro bíblico.

3. CONCLUSÃO DA LIÇÃO

A) Aplicação: O Livro de Ester nos lembra da ação providencial de Deus. Ele nos revela que há um Deus que por meio de sua divina providência dirige a história. Nada que aconteça neste mundo anula a divina providência.

4. SUBSÍDIO AO PROFESSOR

A) Revista Ensinador Cristão. Vale a pena conhecer essa revista que traz reportagens, artigos, entrevistas e subsídios de apoio à Lições Bíblicas Adultos. Na edição 98, p.39, você encontrará um subsídio especial para esta lição.



B) Auxílios Especiais: Ao final do tópico, você encontrará auxílios que darão suporte na preparação de sua aula: 1) O texto “Nome e Panorama Geral”, localizado depois do primeiro tópico, apresenta os marcos cronológicos da história de Ester; 2) O texto “A Instituição da Festa de Purim”, ao final do terceiro tópico, explica os detalhes dessa importante celebração.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

Concluimos o estudo de Rute. Nesta lição iniciamos o estudo do livro de Ester.

Conforme foi feito com o livro de Rute, o comentarista faz nessa lição com o livro de Ester. Veremos a estrutura e os detalhes desse grandioso livro bíblico.

Rute é cheio de referências expressas ao nome de Deus. Ester, por sua vez, tem como característica singular, e sempre destacada, a completa ausência do nome de Deus. Nem por isso o agir divino deixa de estar patente no livro.

Deus, através do Espírito Santo, inspirou o escritor do livro de Ester para omitir o nome do Criador das páginas do mesmo. O porquê dessa escolha de Deus na condução do livro não sabemos, mas sem dúvida, podemos ver a ação do Todo-Poderoso em toda essa fascinante história de livramento.

Ester não contém alusões diretas ao Deus da providência, mas nos apresenta uma história cujo roteiro é, por inteiro, uma manifestação da providência de Deus.

A providência de Deus pode ser vista desde o primeiro capítulo do livro, com a recusa de Vasti em obedecer a ordem do rei para comparecer na sala do banquete. Ali, Deus já estava operando, para que Sua vontade fosse cumprida.

Palavra-Chave: *Ester*



I. A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

1. A categorização de Ester. Da mesma forma que Rute, Ester pertence aos Escritos, os onze livros que compõem a terceira seção da Bíblia Hebraica. E nesta seção – também ao lado de Rute –, integra os *Megillot*, os cinco livros curtos lidos anualmente nas festas judaicas. As categorizações de Rute e Ester também são semelhantes na Bíblia Cristã, na qual figuram entre os livros históricos.

Os dois livros que estamos analisando nesse trimestre fazem parte da mesma classificação, tanto na Bíblia Hebraica, onde pertencem à classe dos Escritos, quanto na Bíblia Cristã, dentro dos livros históricos. Não há muito o que acrescentar ao que foi colocado pelo comentarista nesse ponto.

Por sua reconhecida canonicidade, Ester compõe o conjunto da revelação divina escrita, completa e perfeita (2Tm 3.16,17).

Assim como todos os livros que compõe o Canon Sagrado, o livro de Ester é reconhecido como inspirado pelo Espírito Santo. Sendo assim, ele contém a completa mensagem que Deus deseja transmitir para nós, não necessitando de nenhuma inclusão ou remoção no seu conteúdo.

2. Características literárias. O Livro de Ester tem 10 capítulos. Dentre suas características literárias destaca-se sua **objetiva historicidade**, vista na expressa referência ao rei persa Assuero (Et 1.1) e em vários outros detalhes factuais, além de seu caráter de fonte primária para a Festa de Purim, anualmente celebrada pelos judeus (Et 9.20-32).

Essa objetiva historicidade mencionada pelo comentarista está relacionada ao fato de que o livro de Ester nos apresenta muitos nomes, o que facilitaria a identificação do período em que essa história aconteceu, apesar de que há várias controvérsias a respeito dessa datação entre os teólogos.

O estilo narrativo é menos dialógico que o de Rute. O texto é mais do narrador que dos personagens.



Estilo narrativo é aquele em que há uma pessoa, que chamamos de narrador, contando a história. Conforme o comentarista pontuou, o estilo do livro de Ester apresenta as considerações do narrador durante quase toda a história.

3. Autoria e data. O autor de Ester é desconhecido. Muitos estudiosos consideram que o livro foi escrito por um judeu que viveu na Pérsia, pelo fato de o autor demonstrar amplo conhecimento da cidade de Susã e de sua estrutura, e de importantes documentos do Império Persa.

Apesar de que o autor do livro de Ester seja desconhecido, os teólogos apresentam suas opiniões a respeito da autoria do livro. Por exemplo, na *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*, encontramos na introdução do livro de Ester a suposição de que Mardoqueu o tenha escrito, mas também registra que outros estudiosos sugerem que Esdras ou Neemias seja o autor da obra.

Considerando essa possível autoria e algumas evidências internas, acredita-se que o livro seja datado ainda do século V a.C. (por volta de 460 a.C.), logo após a morte de Assuero, ocorrida em 465 a.C.

Ainda falando da *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*, encontramos a data de 470 a.C.

Outro fator levado em conta para essa datação é de ordem linguística: o autor empregou algumas palavras persas em meio ao hebraico, mas não fez uso algum de expressões originárias do grego, o que revela um estilo anterior à ascensão da Grécia sobre a Pérsia, que se deu com Alexandre, o grande, em 330 a.C.

Essa informação passada pelo comentarista não é de fácil comprovação por nós, meros leigos. Mas, de acordo com o propósito da Escola Bíblica Dominical, essa informação não tem muita relevância.

II. O CONTEXTO HISTÓRICO

1. O povo hebreu no exílio. Para uma melhor compreensão do contexto histórico do Livro de Ester é importante mencionar o final do período da monarquia do povo hebreu.



Esse fim do período de monarquia do povo hebreu aponta para a perda da soberania política que ocorreu em Israel e em Judá. Lembrando o que nos diz a Palavra de Deus, quando Israel, já ocupando a terra prometida, pediu para que Samuel colocasse um rei sobre a nação, a partir dali o regime político da nação unificada passou de Teocracia para Monarquia, ou seja, saiu do modelo onde Deus era o governante, para o modelo onde o rei era a pessoa que dirigia o país. Porém, como os irmãos sabem, com a morte de Salomão, Israel foi dividido em duas nações: o Reino do Norte, composto por dez tribos, que a Bíblia chama de Israel, e o Reino do Sul, composto por duas tribos, chamado de Judá. Mas, mesmo depois dessa divisão política, os dois reinos ainda mantinham o regime monárquico, pois os dois reinos ainda eram governados por reis.

Em 722 a.C. houve a queda do Reino do Norte sob os assírios (2Rs 17.6).

Essa queda apontada pelo comentarista se refere à perda da soberania pelo Reino do Norte, pois a nação foi invadida e conquistada pelos assírios, depondo o governo do rei e assumindo o controle da nação. Essa queda se deu como punição de Deus para a nação, por causa dos inúmeros pecados cometidos pelos Israelitas, principalmente no que se refere à prostituição espiritual, também chamada de idolatria.

Pouco mais de 100 anos depois, Judá, o Reino do Sul, foi levado para o Cativeiro Babilônico em três levas: 605, 597 e 586 a.C.

A exemplo do que ocorreu com o Reino do Norte, Judá também caiu, sendo levado para a Babilônia, exatamente por causa dos mesmos pecados cometidos por seus irmãos do Reino do Norte. Deus expulsou as duas nações de diante da Sua presença, fazendo com que elas passassem a servir a outros senhores.

Conforme Jeremias havia profetizado, o exílio na Babilônia duraria 70 anos (Jr 25.11; 29.10-14).

É interessante notarmos que, de acordo com o que vemos nas páginas das Sagradas Escrituras, esse período de 70 anos foi determinado por Deus para que a terra de Judá pudesse descansar os sábados, de acordo com a Torá. Apenas como esclarecimento, de acordo com a Lei dada a Moisés, a terra de Israel deveria descansar a cada sete



anos, isto é, os israelitas não deveriam plantar nada nesse ano, para que a terra pudesse descansar. Leiamos **Lv 25.1-7 – ARC**:

“Falou mais o Senhor a Moisés no monte Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então, a terra guardará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás a sua novidade. Porém, ao sétimo ano, haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo, nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua sega não segarás e as uvas da tua vide não tratada não vindimarás; ano de descanso será para a terra. Mas a novidade do sábado da terra vos será por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu jornaleiro, e ao estrangeiro que peregrina contigo; e ao teu gado, e aos teus animais que estão na tua terra, toda a sua novidade será por mantimento.”

Mas, infelizmente, o povo não obedeceu a essa determinação da Lei. Sendo assim, quando Deus enviou a sentença de setenta anos de cativeiro sobre Judá, Ele mencionou exatamente que esse período era para que a terra descansasse os seus sábados. Leiamos **2Cr 36.20,21 – NVT**:

*“Os poucos habitantes que sobreviveram foram levados para o exílio na Babilônia e se tornaram servos do rei e de seus filhos, até que o reino da Pérsia conquistou o poder. Cumpriu-se, desse modo, a mensagem do Senhor transmitida por Jeremias. **A terra finalmente desfrutou seu descanso sabático** e permaneceu desolada até que se completaram os setenta anos, conforme o profeta havia anunciado.”*

Foi um período em que Deus tratou com Judá, principalmente para extirpar a idolatria que havia contaminado a nação (Ez 36.16-25).

No meu entendimento, a idolatria foi eliminada do coração do povo de Israel quando eles voltaram para Judá e puderam ter, novamente, sua comunhão com Deus restabelecida.



Deus abomina todo o pensamento, sentimento e comportamento idolátricos (Rm 1.18-25). Por isso, nada em nossa vida pode ocupar o lugar que pertence a Ele (1Jo 2.15-17).

Idolatria pode ser definida como amar algo mais do que a Deus. Esse algo pode ser qualquer coisa, desde pessoas, bens materiais, animais ou ídolos. Esse tipo de comportamento afronta diretamente ao Criador, tendo em vista que Ele não dá a glória que Lhe pertence a ninguém. Leiamos **Is 42.8 – NAA**:

“Eu sou o Senhor: este é o meu nome. Não darei a mais ninguém a minha glória, nem a minha honra, às imagens de escultura.”

2. O fim do exílio. Ao mesmo tempo em que julgava Judá por sua idolatria, o Deus Eterno, Juiz de toda a terra, exercia seu justo juízo sobre a Babilônia, por sua iniquidade (Jr 25.12).

É interessante notar que Deus usa a quem Ele quer para que Seus propósitos sejam cumpridos na terra. Nesse caso, Deus usou Nabucodonosor, um rei que podemos chamar de ímpio, para castigar a nação de Judá, que tinha sobre si as promessas de Deus, por causa dos seus pecados. Mas, chegaria o momento em que Deus julgaria e puniria a Babilônia por causa dos pecados cometidos por essa nação poderosa. Vamos ler o versículo sugerido pelo comentarista. Leiamos **Jr 25.12 – NAA**:

“Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei o rei da Babilônia e aquela nação, a terra dos caldeus, por causa de sua iniquidade, diz o Senhor; farei deles ruínas perpétuas.”

Antes, já havia julgado a Assíria, como profetizado por Naum: Deus não tem o culpado por inocente (Na 1.2,3).

Podemos destacar aqui que, mesmo que alguém seja usado por Deus para a execução da Sua vontade, não significa que, se esse alguém merecer uma punição divina, ela não será aplicada por Deus. Deus é justo e sempre retribuirá a cada um segundo suas obras, porque com o Pai não há aceção de pessoas.



Em 539 a.C. Ciro venceu os babilônios e anexou seu território ao Império Persa. Logo no primeiro ano de reinado, “despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia” e o fez decretar o retorno do povo judeu para Jerusalém (Ed 1.1-3).

Aqui vemos o cumprimento da profecia de Jeremias. Deus usou o rei Ciro para que Sua Palavra falada através do profeta se cumprisse.

Daniel havia se humilhado diante de Deus, jejuando e orando fervorosamente para a restauração de Jerusalém, confessando os pecados da nação de Israel (Dn 9.1-19).

Essa menção do comentarista é bem interessante, tendo em vista que Daniel teve acesso aos escritos de Jeremias e, confirmando a inspiração divina da mensagem do profeta, passou a buscar a Deus pela restauração da nação, pois entendeu a revelação dada ao profeta a respeito da duração do cativeiro de Judá em terra estranha. De posse dessa revelação, Daniel se pôs a buscar a Deus para que o cumprimento da promessa divina de libertação ocorresse.

O ensino bíblico a respeito de nosso relacionamento com as estruturas de poder terreno é sempre confiar na soberania divina, buscando, com humildade, a intervenção de Deus em nosso favor (2Cr 7.14). Agindo assim, poderemos ter “uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade”, e contribuir para o cumprimento do maior propósito de Deus, que é a salvação de todos os homens, inclusive dos que não governam segundo os valores divinos (1Tm 2.1-4).

Essa busca da intervenção divina em nosso favor envolve uma vida de oração e de devoção a Deus. Paulo os exortou a que apresentemos todas as nossas petições diante de Deus, pois somente o Pai pode nos ajudar nas nossas dificuldades. Leiamos **Fp 4.6 – NVT**:

“Não vivam preocupados com coisa alguma; em vez disso, orem a Deus pedindo aquilo de que precisam e agradecendo-lhe por tudo que ele já fez.”

3. O pós-exílio. Ester registra fatos ocorridos na capital do Império Persa, Susã, entre o primeiro e o segundo retorno dos judeus para Jerusalém. Estima-se que mais de 1



milhão de judeus viviam na região da Babilônia. Mesmo com o decreto de Ciro, que permitia a volta para Jerusalém, a maioria absoluta dos judeus decidiu pelo que lhes parecia mais cômodo: permanecer nas cidades que ocupavam na Babilônia.

Vale lembrar que, depois de 70 anos vivendo em terra estranha, os judeus já haviam criado “raízes” e prosperado financeiramente, entrando no que chamamos hoje de “zona de conforto”. Para a maioria deles, não fazia sentido voltar para as terras de Israel para enfrentar a difícil tarefa da reconstrução das cidades.

Somente cerca de 50 mil voltaram para Jerusalém no primeiro grupo, liderados por Zorobabel (Ed 1.5; 2.64,65), no segundo ano do reinado de Ciro (538 a.C.). Esse período da história é narrado do capítulo 1 ao capítulo 6 do livro de Esdras.

Essas pessoas que voltaram a Jerusalém para a reconstrução do Templo e da cidade foram despertadas pelo próprio Deus. Leiamos o versículo sugerido pelo comentarista. Leiamos **Ed 1.5 – ARC**:

“Então, se levantaram os chefes dos pais de Judá e Benjamim, e os sacerdotes, e os levitas, com todos aqueles cujo espírito Deus despertou, para subirem a edificar a Casa do Senhor, que está em Jerusalém.”

Entre o capítulo 6 e o capítulo 7 há um intervalo de aproximadamente 60 anos. É na segunda metade desse período que se passam os fatos do livro de Ester (483 – 473 a.C.).

Aqui temos uma estimativa. Conforme mencionamos, não há um consenso entre os teólogos a respeito dessas datas.

III. PROPÓSITO E MENSAGEM

1. A providência divina. O principal propósito do livro de Ester é registrar o cuidado providencial de Deus com o seu povo, a despeito de suas escolhas fora de seu propósito.



Esse cuidado de Deus está estendido sobre a vida de todo aquele que O serve com um coração sincero. Deus tem cuidado de cada um de nós.

Ao decidirem permanecer na Babilônia, sob os domínios do Império Persa, os judeus olharam para a estabilidade que imaginavam ter conquistado, não apenas no aspecto econômico, mas também cultural, social e religioso. Os persas tinham fama de benevolência com os povos que dominavam, principalmente quanto à liberdade religiosa.

Conforme já abordamos nessa lição, essa estabilidade ou “zona de conforto” fez com que os judeus não desejassem voltar para sua terra natal. No início do cativeiro, conforme nos mostra o Salmo 137, os judeus sentiam muita falta da sua terra natal. Leiamos **SI 137.1-6 – ARC**:

“Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião. Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha? Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra da sua destreza. Apegue-se-me a língua ao paladar se me não lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior alegria.”

Porém, com o passar do tempo, essa saudade e desejo de voltar para a terra natal foi enfraquecendo e, finalmente, eles já estavam acostumados com a vida no exílio.

O retorno a Jerusalém exigia renúncia e disposição para uma viagem penosa e para a dura reconstrução de uma cidade totalmente destruída. Para muitos, pareceu melhor ficar na Babilônia: “Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Pv 14.12).

Conforme já tratamos nessa lição, para alguém sair da sua zona de conforto muitas vezes se faz necessário ocorrer alguma tragédia ou perda muito grande.



2. Uma falsa estabilidade. Ester nos transmite como mensagem o perigo de confiar nas falsas estabilidades que as estruturas do mundo nos oferecem, e costumam parecer mais vantajosas. Estava tudo indo muito bem em Susã, até surgir a ordem de extermínio total dos judeus (Et 3.7-13). A falsa segurança foi embora.

O comentarista faz uma interpretação interessante da história. A Bíblia não nos dá a entender essa questão claramente, mas o posicionamento do comentarista faz sentido. Dentre todas as interpretações sobre o período mencionado, essa é uma das opções.

O povo de Judá dependia novamente da intervenção divina para sua sobrevivência. Ester nos mostra Deus agindo mais uma vez, movendo as estruturas humanas; agora, no grande e poderoso Império Persa. Seja qual for a circunstância, é melhor confiar no Senhor do que no homem (Sl 118.8,9).

Mas, pelo que vemos na história bíblica, o povo de Deus sempre dependeu da ajuda e proteção de Deus. Aquela ameaça não foi a primeira e nem seria a última. Leiamos **Sl 124.1-6 – NAA:**

“Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado — Israel que o diga —; não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, quando os nossos inimigos se levantaram contra nós, eles nos teriam engolido vivos, quando a sua ira se acendeu contra nós. As águas nos teriam submergido, e a torrente teria passado por cima de nós; águas impetuosas teriam passado por cima de nós. Bendito seja o Senhor, que não nos deu por presa aos dentes deles.”

3. A Festa de Purim. O livro de Ester tem como propósito, também, registrar a instituição da Festa de Purim, ordenada por Mardoqueu depois do grande livramento que os judeus receberam (Et 9.20-28). Purim é o plural da palavra pur (“lançar sorte”). Conforme Ester 3.7, Hamã lançou sorte para fixar o dia da morte dos judeus. A festa comemora a frustração desse nefasto plano diante da providencial ação divina para a libertação de seu povo. A soberania de Deus não encontra limites. Ele age em qualquer época ou lugar para cumprir seus propósitos.



A festa de Purim é comemorada entre os judeus até hoje. Essa comemoração tem por objetivo transmitir esperança ao povo israelita. Durante essa festa, o Livro de Ester é lido à noite e na manhã seguinte, na sinagoga. Essa festividade é bem colorida e o povo fica muito feliz, sendo normal a reunião de familiares e amigos na comemoração.

CONCLUSÃO

O Livro de Ester nos lembra de que vivemos neste mundo, mas não devemos confiar em suas estruturas. Todos os reinos deste mundo passarão (Dn 2.37-45). Por isso, a Palavra de Deus diz que “a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20).

SUBSÍDIOS ENSINADOR CRISTÃO

O LIVRO DE ESTER

Nesta lição, iniciaremos o estudo sobre o livro de Ester. Nesta rica oportunidade, seus alunos aprenderão que a providência divina se mostra muito evidente neste livro, embora o nome de Deus não apareça em seus escritos como é de costume nos livros hagiógrafos. O Livro narra a ascensão de Ester ao cargo de rainha e esposa do rei Assuero, bem como relata a eminente perseguição e tentativa de extermínio do povo judeu. Ester, por sua vez, foi escolhida e estrategicamente colocada no trono para intervir e preservar o seu povo desse ultraje. De modo geral, o livro de Ester revela o cuidado providencial de Deus para com Seu povo. Após o cativeiro babilônico, a nação ficou fragmentada e sem perspectiva de quando voltaria a se organizar em sua própria terra. Todavia, no tempo determinado por Deus, Ciro (539 a.C.) assume o trono e ordena o retorno dos judeus para as terras de Israel. Após a primeira leva retornar, Assuero ascende ao trono pérsio e a história de Ester assume o protagonismo por volta de 483 a 473 a.C.

De acordo com o *Comentário Bíblico Beacon* (CPAD, 2005), quanto à mensagem espiritual do livro, considera-se que “o ensino do livro de Ester pode ser sintetizado da seguinte forma: 1. Os judeus, apesar de desobedientes ao Senhor, e desviarem-se dele no exílio, estão nos pensamentos de Deus e são objeto da sua misericórdia e preocupação. Assim, o Senhor também ama o pecador, e fez com que o Seu Filho amado morresse por ele; 2. A providência de Deus está sempre sobre o seu povo, para



salvá-lo das tramas malignas de seus inimigos; 3. Deus às vezes se oculta ao cumprir os seus propósitos no mundo. Em Isaías 45.15, lemos: 'Verdadeiramente, tu és o Deus que te ocultas, o Deus de Israel, o Salvador'; 4. O poder da oração é ensinado claramente. É evidente que o jejum solicitado em 4.16 é um motivo para esta prática na atualidade. A resposta à oração deve ser vista no sucesso da rainha em convencer o rei a ajudar os judeus no seu sofrimento; 5. A responsabilidade que temos em cumprir a missão delegada por Deus é ensinada em 4.14: 'E quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?'. Também indica o risco que temos de correr ao cumprirmos nossa missão: 'e, perecendo, pereço' (4.16)" (p.545).

Em seu sentido geral, o livro de Ester é a descrição mais exata de que o Senhor, de fato, intervém, para que Seus servos sejam inseridos nas diversas camadas da sociedade. É Deus quem escolhe e prepara Seus servos para esse tipo de missão tão complexa. Quando somos chamados por Deus, devemos ter em mente que foi para este tempo trabalhoso que Ele nos escolheu. Nesse sentido, devemos confiar que não faltará a providência divina para nos capacitar a lidar com as vicissitudes deste tempo.

